



POÉTICAS

A PRAGA DO CURRALINHO

Pedro Diniz

PEDRO DINIZ é mineiro, tem 27 anos, formado em Administração Pública e apaixonado por literatura.

Que que faz quando a gente tá com doença? Ruim. Mas ruim com força. Ruim que a gente sente o corpo mordido de doente, doença que vai durando e durando. Tem que aguentar. Aguentar e ver remédio.

Quando a doença dá na alma da gente, é do mesmo tipo. Problema é o remédio.

Na pia do batismo, me chamaram de nome que eu quase que esqueço. Lá no Currálinho todo mundo chama é de Neném. Diz que pequeno eu era de fazer muita crueldade com meu irmão, irmão de colo. Apelido que a gente escolhe num presta, os que escolhem é porque a gente que não presta.

Currálinho é uma terra de amarelo seco. O respiro é de poeira mais que qualquer coisa. Terra de macho. A vila tinha só o que não podia faltar, o boticário, o seu Nassir do armazém, a casinha da pinga e a capelinha. A capelinha veio depois da casa da pinga, acho que viram necessidade, vai saber.

A gente toda vivia era na roça. O Currálinho era lugar que o povo se encontrava só quando era de precisar. Eu batia pasto na terra de coronel Andrada, sol nascia de um lado eu já estava no pasto, ia sol descendo lá na serra, montava sela e descia eu para o Currálinho. Mais para cana que para ver o padre. Do batido do pasto, até a noite na vila, a vida era besta, não caçava de fazer curva, cada dia ia passando igual. Via todo dia na roça e na pinga mesmo rosto. Deus devia de tá com preguiça na hora de fazer o Currálinho.

Mas o Diabo parece que não tem preguiça.

De um dia desses, tomando aguardente e proseando com o amigo Teteu, que bate pasto para lá da serra, apareceu um trem diferente, saindo do armazém. Gente é coisa que a gente vê e desvê é toda hora. Esse trem diferente era uma gente, parecia de ser família de seu Nassir; casal de filho. A menina, pitica, não devia conseguir mostrar os anos nas mãozinhas. O rapaz, aquela idade do perigo, que menino tem que mostrar que é homem. Tem que mostrar. O diferente foi no rapaz que eu logo reparei, sem precisão certa de saber o quê. O jeito da cara, não parecia com a terra nossa. É como se diz, destoava.

Te falo que aquilo foi só aquilo, mas de noite essa coisa esquisita coçou no meu travesseiro.

Falei que os dias praquelas terras não faziam muita diferença, assim foi indo. Acontece que o desde de depois que vi aquela gente diferente, aquele rapaz diferente, meu tempo batendo pasto foi também matutando naquela diferença. A mão na enxada catava buraco de capim e ia eu com o pensamento catando o rosto daquele homem, daquele menino? O cabelo era de comprido, chegava no ombro, descia em um amarelo loiro que brilhava, brilhava demais. Tinha nos olhos um verde

que dava medo, um verde que aquele capim que eu batia não comparava, não ornavia com o laranja seco da poeira, dava mesmo medo. Não cabia, não era dali. O rosto mostrava de longe que não veio do barro mesmo nosso.

Sol se pôr, fui cumprir o costume no Currálinho. Não vou mentir, no lombo do cavalo, fui do pasto do coronel até a vila intrigado naquela diferença toda, pensando em ver aquela coisa de novo para melhor espantar. Danada de coisa esquisita. Sentei junto dos companheiros de gole, não demorou o assunto debandar para os lados do armazém, do bicho loirinho do armazém.

Adonis; resmungou o Teteu. Adonis, era o nome do rapaz.

Desgraça de nome, só me fez mais confusão. Confusão parecia que não era só minha, os companheiros teimaram de falar daquele menino rapaz muito do esquisito, falavam com uma boca torta entre cada gole de cana. Adonis, sentenciaram, fresco do nome ao cabelo, não tinha como se criar naquele canto. O sertão é seco, duro, ruim; o Adonis, o Adonis era outra coisa.

Coisa engraçada é a gente. Naquela paradeira do Currálinho o povo cuspiá reclamando da pasmaceira, a vida passando devagar, aborrecida. Quando que surge um trem diferente, a gente sente é parecido com raiva, seria com medo? Não acha bom não, tem pirraça. Aquela jagunçada tomou pirraça de Adonis, pirraça daquela mata daninha, que surge sem ninguém para dar motivo ou para regar. Eu? Eu não sei... Eu espantava ainda, com aquela diferença. O moço rapaz me incomodou, incomodou é a verdade. A gente fala da raiva, do medo, do nojo. Não sei dar precisão se é isso que dava no peito, incomodava. Ouvir o rosnado dos companheiros me fez pular primeiro uma dó do Adonis, uma certa simpatia como dizem. A troco de nada, aquela raiva e birra toda não me parecia coisa justa. Logo que pensei nessa

simpatia me veio um calor ruim do sertão, terra de homem feito, sem essa frescuragem; dó de um frango daquele? Eu me calava com a aguardente, mandando-me tomar prumo nos pensamentos e largar de moleza. Mas incomodava, ia incomodando.

Coisa que eu falar sei que fica aqui, tempo já passou desses dias mas não é lá coisa bonita ou de orgulho que eu tenho. Dias que foram passando desde que vi aquele Adonis foram esquisitos. Eu era mesmo esquisito. Vez ou outra que eu batia pasto, era soprar um vento, ver um capim diferente, me surgia aquele rapaz no pensamento. Surgia e incomodava. Era coisa daquelas sem explicação. Pingava o suor no rosto, eu debruçava o cotovelo cansado no cabo da enxada, pensava... Pensava que não tinha visto um cabelo tão amarelo; depois do almoço, sentado na varanda pitando e bebendo café quente, caçoava daquele nariz que não era de homem, lembrava e caçoava; era deitar o olho no verde do campo e me vinha forte o verde dos olhos, vinha muito, muito forte. E toda vez eu sentia raiva, ou nojo, ou medo. É coisa que não sei dizer até hoje.

Até ir para o Curralinho ficou esquisito. No galope do cavalo, eu ia esperando ver aquilo de novo. Ao mesmo tempo, era coisa de querer ver os companheiros

maltratando de longe o Adonis. Perdoa a confusão dessa minha prosa, não tem jeito de não ser.

Já ia acontecendo. As brabezas em voz de cochicho foram perdendo a vergonha, e era o moleque se chegar um bocado que seja, um ou

outro já falava alto as ofensas. Frescurento, mocinha, bicha esquisita. A vila toda escutava com uma vergonha que concordava. Seu Nassir, via crescendo aquela amargura com seu filho, mas via pouca providência. Coitado.

Coitado nada, tem é que botar o filho no prumo.

Se eu afrontei o moleque? Não achei necessidade; não era errado e não era certo. É como eu digo, a gente é coisa engraçada. Subia na minha garganta um quente bravo de querer xingar e descia no meu peito um gelo triste, a gente é coisa confusa. O que me irritava muito era o jeito que aquele Adonis ia me aparecendo no pensamento; atrevido, sem ninguém chamar. Aparecia sempre me trazendo raiva, raiva daquilo perturbando nossa terra; trazia também um outro troço ruim, trazia sempre. Dia após dia no pasto eu ia embrulhando aqueles pensamentos, me faziam mal de um tanto. Noite após noite eu ia vendo o pessoal judiando Adonis de longe, e aquela judiação mais me fazia ter ideia para embrulhar. Não me pergunte se eu gostava de Adonis, se eu tinha raiva, medo. Já disse que não sei, ou sei e não dou conta falar alto. Não me pergunte isso não, por favor.

Nessa peleja do rapaz e do Currálinho teve um dia que eu sozinho na bodega e aquele trem cismou de sentar do meu lado. Sem mais. De novo, sem ninguém convidar; atrevido. Penso eu que como eu não xingava, de boca aberta, ele não sentiu medo. Sentou e pediu uma pinga forte, primeira vez que parecia ser gente ali da terra.

– É seco esse Currálinho.

Era a primeira vez que ouvia a voz daquele bicho. Deus parecia que fez a voz para combinar com todo aquele trem esquisito. O rapaz, o homem, falava doce, quase que mulher. Ai, aquilo me irritou mais, me embrulhou mais. Tive mais medo? Raiva? Ignorei a pergunta e continuei olhando o nada. O Adonis desdobrou um riso pequeno, tomou confiança para falar da vida dele. Morava na cidade com a irmã em casa de tia, tia essa que morreu de febre e fez seu Nassir carregar a família para o Currálinho. Falou muito da cidade, da diferença para o Currálinho. Falou nada das ruindades que escutava daquela gente; na verdade, caçoou, achava que o pessoal tinha acostumado muito com ele. Nessa hora eu soltei um riso que ele reparou, e reparou dando um riso ainda mais largo, alto, doce, quase que cheirava perfume bom. Até que ele não era ruim assim.

É toda hora que comento esse trem esquisito que eu sentia desde que o Adonis tinha chegado no Currálinho; essa raiva de dó, nojo de pena. Gostar de desgostar ou vice-versa. Esse trem esquisito me foi piorando depois que o moço chegou tão perto de mim, e eu dele. Eu tinha simpatia, não tem que mentir. Quando não tinha

ninguém, é claro dizer, eu sentava mais na beirada da varanda do boteco, via de longe o Adonis e deixava ele me ver; vinha cachorrinho, chegando perto, eu não mostrava aborrecimento, deixando ele vir aos poucos e sentar do lado meu. Depois que sentava, ele folgava e continuava a prosa que tinha parado da vez anterior; eu dizia era nada, nada nada. Às vezes eu soltava um riso amarelado daquele, que vinha de resposta com aquela gargalhada solta, alegre, doce. Não era ruim, era esquisito; fui tomando esse hábito de dar orelha para o

Adonis falar. Tinha ouvido meu nome e me chamava de “seu Neném”. Era engraçado. Mas era só quando não tinha ninguém perto, juro.

Deus me livre do povo ver eu de ideia com aquele rapaz.

Teve a noite que eu cheguei no Currálinho e a gente toda estava junta na porta do armazém. Tudo com cara de espanto, pena. Fui me chegando e ao primeiro que me passou eu perguntei que era aquilo tudo.

-É o filho de seu Nassir. Machucaram ele demais, a irmãzinha encontrou ele na braquiária quase que morto e veio pedir socorro.

Eu já falei que a gente é coisa engraçada? Ouvi aquela resposta e me apertou uma corda forte na garganta, senti um nojo no estômago que não lembrava de conhecer. Até meu peito começou a palpitar depressa. Mas que diabo. Que desgraça de embrulho era aquele, já tinha visto compadre meu varado de faca e não vi diferença naquilo. Já tinha na cabeça, uma desgraça ia de acontecer, o rapaz dava raiva; não era de pertencimento daquela terra de macho. Quem mandou vir se coçar por essas bandas? Azar era dele, e era bem feito.

Isso tudo eu pensei foi muito depressa depois de sentir o embrulho. Queria sentir pena não, queria sentir raiva. E nisso fui tendo raiva dele e de mim, muita raiva de mim, e ia caminhando devagar, sem interesse no meio do povo, para tentar ver a coça que tinha levado e talvez tentar achar graça. No que consegui botar meu olho no Adonis, quase que não reconheço o rosto que espantou naquele primeiro

dia; a cara embolada, distorcida, espalhando sangue que escurecia o cabelo loiro. No buraco da camisa rasgada vi o peito todo roxo.

Um negócio escorreu do meu olho e desceu salgado na minha boca.

Não consegui mais ver, senti forte uma vontade de sair dali e fui depressa. Acho que queria era correr de mim mesmo.

De longe, vi encostado na parede da capelinha meu compadre Teteu. Olhava aquilo tudo de longe, tranquilo, com um riso de gozação. Não pensei em coisa boa. Fui chegando perto de Teteu, não tirava o olho daquele rapaz estrupiado no meio da gente do Curralinho. No que cheguei perto suficiente o homem soltou um gargalho feio, quase que escarrando, perguntei se ele sabia que era que tinha acontecido.

Não devia.

Teteu me contou que aquele dia tinha chegado no Curralinho lá pro meio da tarde, sentou na casinha e começou a beber pinga cedo. Quando já tinha a cabeça mole, viu de longe o tal do Adonis, passeava sozinho; diz que só de ver aquele trem sentiu uma raiva grande, de bicho. Contava tudo ainda de riso no canto da boca. Foi caminhando os olhos junto com o menino, quando já ia bem apartado do meio da vila, Teteu diz que sentiu vontade de ir, e foi.

Sem dar explicação de porquê, agarrou o Adonis no colar da camisa e puxou ele com força até o capim alto do Curralinho, o menino começou a gritar quase que com choro; se ele não deu sorte de ter

gente de ouvir ou não deu sorte de ninguém querer ouvir é coisa que não sei dizer. No capim alto o Teteu diz que pegou um pau largo e pesado, jogou o loirinho no chão e deu com força nele todo. Gargalhava contando, contando que o menino pedia o amor de Deus, que parasse, que não tinha dinheiro, que não tinha nada, perguntava, implorava o porquê daquilo. O homem achou graça, falou cheio que cada desespero do bichinho dava mais vontade de bater. Escarrou do fundo daquela goela suja, terminou contando vantagem; quando encheu de bater, pegou o Adonis e fez ele de mulher dele.

“Tratei no estilo que pede.”

Eu arroteio e arroteio essa história com coisa ruim que eu sentia, coisa que eu não sabia de dizer. Aquela ruindade saindo da boca suja de Teteu me jogou uma coceira, uma irritação no peito, uma água subindo quente na garganta. Senti um calor que embaralhou as vistas. Sem jeito de escutar mais nada, saí tonteado, subi no cavalo e tomei o rumo de casa, da minha cama. O diabo do Teteu deve que ter entendido nada; eu mesmo não entendi, hoje penso que fugi covarde de uma raiva que me dava medo.

Coisa ruim era eu. Coisa ruim é o diabo, e o diabo cismou comigo. Que coisa era essa de eu ficar desse tipo por causa menino que eu nunca tinha visto? Ainda tonto de raiva, cheguei na minha cama e foi tateando para achar o travesseiro, fui caçar noite de sono que em mim doeu mais que a coça que o Teteu deu no Adônis. Que era aquilo, meu Deus? Por que que um jagunço velho do meu estilo dava

de frescuragem nessa altura da vida? Será que eu tinha me desaprumado, será que tinha volta?

Desgraça desse Nassir, desgraça de quem botou esse menino frouxo para embaraçar minha cabeça, meu peito. Desgraça de diabo. Desgraça de Deus. Pedi muito o socorro de Deus; chorei, sim.

Decidi jeito para consertar aquilo tudo. Eu tinha eu mesmo era que matar o Adônis.

Eu tinha que matar ele; esgoelar com minhas mãos aquela coisa ruim toda nele, em mim. Era questão de sobrevivência, ou acabava eu com aquela maldição ou acabava ela comigo. Já pensou se o povo descobre que eu estava afrouxando? A próxima coça era em mim. Já pensou ainda se eu dano de sentir aquela desgraça no resto da minha vida? Pior que tomar uma surra todo dia, pior demais. Era eu acabar com

aquilo, não tinha jeito; pedi a força de Deus e do diabo também. Dia seguinte eu ia resolver.

Tinha o plano todinho feito na cabeça, eu ia armar arapuca do jeito que Teteu fez. Ia chegar mais cedo no Currálinho e esperar, esperar aparecer o Adônis e grudar olho nele. Quando ele tomasse um rumo que me dava espaço, minha vez de levar na braquiária. Não ia caçar um pau grande para dar nele, já ia comigo meu punhal; coça de pancada a chance de sobreviver é maior. Eu caçava de dar chance nenhuma não.

Lá para o início da tarde, fui. Cheguei ao Curralinho, pedi foi uma garrafa inteira de pinga e encostei na mesa a esperar. E esperei, esperei, fui esperando. Tempo foi passando, com a noite chegando e nada do diabo; eu já com a cabeça zonzada de cachaça, subia e descia raiva com medo no meu pensamento. Cheguei a pensar em desistir vez ou outra. Tive vontade de chorar. Quando percebi a vontade de chorar que senti a raiva maior no mundo e decidi ir depressa para o armazém resolver aquele trem. A porta do armazém meio fechada, nela eu cheguei sentando o peito do pé, seu Nassir olhou muito assustado, ainda não tinha recuperado da surra que o filho tinha levado. Gritei bêbado onde que estava o diabo do Adônis, eu tinha coisa para resolver com ele.

-Foi embora do Curralinho, para sempre.

Ainda que assustado, seu Nassir respondeu com uma frieza que me deu medo. Explicou. Depois do que Teteu fez, decidiu levar o filho para a cidade do lado e botar ele num trem. Um trem para Barbacena; já tinha ouvido falar, diz que ia sempre cheio de gente do tipo do Adônis, gente que parecia não ser do lugar que viviam.

Gente que sumia para sempre das maldades do mundo. Naquele trem seu Nassir botou Adônis, que ia sumir do sertão.

Foi só o Adônis não, um negócio grande do meu peito foi junto. Mas não me pergunte mais não.